

O TRABALHO COMO ELEMENTO DE HUMANIZAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO¹

Rosa Borges da Silva ²
Marteana Ferreira de Lima ³

RESUMO: O presente estudo é fruto de investigações acerca do complexo da educação, de sua relação com o trabalho e com o processo de reprodução social. Na compreensão de Lukács, na esteira de Marx, o trabalho é a categoria fundante do ser social, seu primeiro elemento humanizador. Mas o trabalho também é verificado, nas determinações das sociedades de classe, como um fator de desumanização e degradação dos indivíduos. Essa constatação remete à reflexão dos desafios da humanidade na tarefa histórica de superação dos fatores que produzem diariamente o seu rebaixamento, sua desintegração. Em consonância com a teoria histórico-materialista da realidade, são apresentadas algumas indicações centrais para se pensar essa questão.

Palavras-chave: Trabalho, Alienação, Ontologia do ser social.

INTRODUÇÃO

Procurar compreender a gênese da história da humanidade é uma tarefa fundamental a todos aqueles que reivindicam uma sociedade justa, livre de preconceitos, de limitações, de desumanização.

Durante a nossa trajetória num curso de formação de professores, constantemente encontramos discussões com o objetivo de apontar soluções para os imensos problemas que permeiam a escola e levam adiante a reprodução de desigualdades, das dificuldades dos indivíduos em se inserirem nos espaços mais privilegiados socialmente. Para tentar responder questões complexas como essa, é necessário, primeiramente, que se busquem os fundamentos da sociedade e dos complexos que nela se desenvolvem.

¹ O presente estudo é resultado do Projeto de Pesquisa intitulado *Educação e reprodução social em Lukács*, vinculado ao Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, com financiamento do PIBIC/URCA.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, rosa.borges@urca.br;

³ Professora do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, marteana.lima@urca.br.

Conforme as análises de autores vinculados ao materialismo histórico-dialético, a gênese do ser social se dá através do trabalho, entendido como atividade vital humana em cujo cerne realiza-se a transformação da natureza pelos indivíduos para atendimento das suas necessidades primordiais. Porém, com a complexificação social provocada pelo desenvolvimento das forças produtivas – compreendidas como o desenvolvimento da tecnologia e das potencialidades humanas –, o fenômeno da divisão de classes coloca o gênero humano como um gênero cindido, integrado apenas como *em-si*.

Nesse sentido, o nosso objetivo nesta exposição é argumentar como o trabalho pode ser, ao mesmo tempo, tanto um elemento de humanização quanto de desumanização. Para tanto, apoiamo-nos, principalmente, em elaborações de Lukács (2018a e 2018b). Em sua vasta produção, encontramos elucidações importantes sobre a gênese e a especificidade da humanidade enquanto forma de ser autoconstruída e também a respeito das implicações objetivas do desenvolvimento das forças produtivas numa sociedade dividida em classes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo de caráter qualitativo, com natureza eminentemente bibliográfica, e ancorada no materialismo histórico-dialético.

Conforme Ivo Tonet:

Uma ontologia do ser social (filosofia) é, pois, condição prévia para a resolução das questões relativas ao conhecimento. Além disso, essa ontologia também é condição imprescindível para, em interação com a ciência, produzir um conhecimento adequado da realidade social. Na perspectiva ontológica marxiana, filosofia e ciência não são dois momentos separados ou apenas superficialmente relacionados. São dois momentos intrinsecamente articulados, que, sem perder a sua especificidade, constituem uma unidade indissolúvel no processo de produção do conhecimento científico. (TONET, 2018, p. 76).

Para compreender a dinâmica do nosso objeto de estudo, realizamos inicialmente uma leitura imanente dos capítulos *O trabalho e a Reprodução* (capítulos iniciais de *Para uma ontologia do ser social*). Para a compreensão desses capítulos, foi fundamental a contribuição de intérpretes, como Lessa, Tonet, Lima e Andrade. Após a compreensão das categorias e conceitos fundamentais ao tema, procedemos à exposição sistemática, resultando nesta elaboração-

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo *Lukács: trajetória e concepção de alienação*, encontramos elucidações consideráveis em relação ao tratamento da categoria da alienação ao longo da trajetória do pensador húngaro Georg Lukács. Na obra em questão, Lima (2020) retoma a explicitação do trabalho como categoria fundante do ser social, os conceitos objetivação, exteriorização, entre outros. Como as categorias exteriorização e alienação são detalhadas mais precisamente nos capítulos finais de obra madura do filósofo e nossas pesquisas se limitaram em examinar os dois primeiros (O trabalho; A reprodução), realizaremos boa parte da exposição com base na produção da intérprete brasileira, autora do livro mencionado no início desta seção.

Para Lukács (2018a e 2018b), afirmar que a gênese do social se encontra no trabalho, significa romper com todas as interpretações filosóficas que já apontaram ser possível existir uma finalidade consciente no mundo que não seja da práxis dos próprios indivíduos. Afirmar o trabalho como fundamento da sociedade é afirmar que os homens são os sujeitos da história e que a história é um campo aberto de possibilidades.

Como claramente posto na *Ontologia*, o ser é matéria em desenvolvimento: durante um longo processo, evoluiu de propriedade inorgânica, sem vida, ao patamar do ser social. Segundo Lukács, quando o ser da esfera biológica protagonizou o salto ontológico que possibilitou o surgimento da humanidade, os indivíduos da espécie que se consolidou como espécie humana avançaram da singularidade biológica à individualidade rica, sensível, mediada.

Conforme verificado no primeiro capítulo da parte sistemática da última obra lukacsiana, trabalho significa a intervenção consciente do ser humano na natureza. Na tentativa de manter as condições básicas de sobrevivência (alimentação, abrigo, proteção de animais perigosos), os homens primitivos, mesmo sem compreender, realizavam a feitura histórica de iniciar o processo de gênese e devir do ser social. A causalidade, enquanto “[...] um princípio de automovimento que repousa sobre si próprio [...]” (LUKÁCS, 2013, p. 48) é toda a extensão da natureza inorgânica e orgânica; a teleologia, por sua vez, como pontua o filósofo, é uma categoria posta pelos homens (LUKÁCS, 2013). Por essa razão, ele afirma que o trabalho tem a característica de uma posição teleológica. Na luta pela sobrevivência humana foram empreendidos os primeiros pores

teleológicos, as atividades intencionais dirigidas à natureza, que, elevando a consciência humana da sua constituição essencialmente biológica⁴ à consciência socialmente determinada e portadora de medium fundamental para a existência na sociedade, possibilitaram um fomento extensivo e intensivo para a consolidação da complexidade social que se consolidou até hoje. Sendo assim, a educação, a arte, a política, o direito são exemplos de complexos que aparecem nesse movimento histórico de consolidação da sociabilidade. O trabalho eleva, engrandece, constrói a humanidade do homem. Como categoria histórica, não há a possibilidade de existir o ser social sem o trabalho.

O TRABALHO COMO FATOR DE DESUMANIZAÇÃO

Uma importante discussão acerca do trabalho enquanto categoria fundante do ser social foi elaborada por Lukács na sua *Ontologia*, rendendo diversas produções acadêmicas em alguns países do mundo. Na América Latina se concentra um importante grupo de comentadores que contribuem para levar adiante o legado do filósofo marxista. A questão polêmica e complexa da alienação é um tema ainda muito pouco explorado, o que mais uma vez justifica a nossa escolha de trazê-la para o debate.

Ao final da construção de Lukács sobre *os complexos de problemas mais importantes*, é empreendida uma discussão essencial sobre categoria que é fundamento do ser social para esclarecer os aspectos fundamentais do assunto. Segundo o filósofo húngaro, devemos levar em consideração uma especificidade particular do ato de trabalho, justamente o fato de sempre remeter para além dele próprio, de produzir sempre mais do que era a intenção primeira do produtor (nos atos iniciais, a simples produção de valores de uso). Pela razão de produzir bem mais do que era intencionado no planejamento, o excedente da produção se torna o fundamento do processo de divisão das sociedades primitivas em sociedades de classes.

Enquanto o trabalho realizado nas comunidades primitivas proporcionava o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos em todas as dimensões e era destinado

⁴ Em conformidade com a discussão empreendida por Lukács para colocar o trabalho no centro do fundamento do ser social, os animais superiores já nascem com uma forma de consciência que é epifenomênica, ou seja, é um fenômeno natural da constituição desses seres que serve unicamente para garantir o agir na busca da sobrevivência e da adaptação em seu entorno. Foi nos desdobramentos dos processos de trabalho que os seres humanos avançaram da simples adaptação ao ambiente à intervenção orientada por uma finalidade, onde a consciência passa a exercer um papel fundamental, não sendo mais um epifenômeno.

ao atendimento das necessidades humanas, os processos de trabalho nas sociedades de classes são submetidos à produção de mercadorias, que reproduzem a todo instante a propriedade privada, o capital, um lucro privado que pertence unicamente ao proprietário dos meios de produção. É nesse sentido que o indivíduos estão alienados. Com base em Lukács, acerca dos processos de objetivação no trabalho, Lima conclui que:

As objetivações, em si, não são positivas nem negativas. Elas só se convertem em fatores de desumanização mediante certos tipos de relações sociais. Nesse sentido, com a divisão do trabalho, o homem não se desenvolve de forma completa, numa perspectiva *omnilateral* que integre sua totalidade, porque, embora o trabalho possibilite o desenvolvimento das capacidades humanas, essas são estimuladas para atender aos interesses do capital, a partir da sua lógica perversa alicerçada na exploração e na degradação humanas. Assim, esse desenvolvimento das forças produtivas pode se tornar um obstáculo ao desenvolvimento da personalidade do homem. A contradição entre essas duas formas de desenvolvimento é indicada por Lukács como a chave para a compreensão da alienação. (LIMA, 2020, p. 167).

A alienação não significa, portanto, um processo das consciências, mas uma determinação objetiva constatada pela existência da propriedade privada. (LIMA, 2020). Examinando mais atentamente uma famosa produção marxiana⁵, esse estudo verifica que o complexo da alienação se dá em algumas dimensões, como a alienação do homem em relação ao gênero humano e da sua própria atividade. Dessa forma, “A alienação é compreendida, portanto, como um fenômeno histórico-social, cuja constituição radica-se no âmbito das relações histórico-sociais, não se tratando de uma *condição humana geral* [...]” (LIMA, 2020, p. 158).

Não é possível, portanto, o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas numa sociedade cindida em classes. A desumanização perpassa classes, camadas inteiras de indivíduos, reproduzindo o ciclo da exploração. Na tese defendida pela estudiosa brasileira, a alienação, a desumanização dos homens provocada pelas relações sociais das sociedades classistas, pode sim ser superada, ainda que ela (em conformidade com o filósofo húngaro), adverta que mesmo numa sociedade alicerçada pelo bem comum, outras formas de alienação possam se desenvolver⁶.

⁵ *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844.

⁶ Lessa (2016) também faz as mesmas advertências, mas ele nos indica que as alienações numa sociedade comunista serão de outra ordem, possíveis de eliminação sem que se faça necessário uma verdadeira revolução social, um processo de estrutural de mudança.

Mészáros (2015) e Tonet (2019) nos ajudam a compreender que uma das questões fundamentais para um projeto de superação da propriedade privada, do capital e do Estado, é a substituição do trabalho assalariado, pelo trabalho associado. Essa substituição é um pilar fundamental para a emancipação humana. Nas palavras de Mészáros:

A questão fundamental, portanto, em seus termos materiais de referência, é a expropriação e a apropriação alienada do *trabalho excedente enquanto tal*, não apenas esta ou aquela forma particular disso, e em termos da estrutura de comando político geral das determinações regulatórias alienadas de hoje, o *Estado enquanto tal*. Ambos permanecem ou caem juntos. O tempo disponível da humanidade não pode ser liberado sem isso. Essa é a montanha que *devemos* escalar e conquistar. (MÉSZÁROS, 2015, p. 103).

E Lukács (2018b), indica que esse processo de integração do gênero humano (do em-si ao para-si⁷) só pode se dar através de um processo consciente, de uma revolução social. No nosso entendimento, a educação, a ideologia, apesar de suas limitações ontológicas enquanto complexos fundados, podem ser fatores de contribuição para a efetivação dos propósitos há pouco mencionados. Educação, ideologia, arte são formas de práxis que emergem na esfera da sociedade cujo fundamento é o trabalho. Todas elas implicam a objetivação de teleologias, de finalidades intencionais, e também de escolha entre as alternativas postas em cada momento concreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a obra de Lukács como um pilar imprescindível para as discussões acerca do trabalho, da educação, da escola em sociedades complexas como a que vivemos. A discussão empreendida pelo autor húngaro sobre a questão do trabalho merece ser objeto de contínuas investigações, uma vez que as concepções pós-modernas tentam eliminar a categoria trabalho como um conceito fundamental para a compreensão da sociedade que hoje reproduzimos, e mais ainda, procuram mistificar e encobertar todas as consequências das atividades humanas produzidas no seio da lógica do capital. Durante todo o percurso histórico da humanidade, do comunismo primitivo, nos modos antigos de

⁷ Lukács esclarece que um gênero em si é aquele que já existe, independente de os sujeitos que o conformam tenham consciência do fato. A constituição de um gênero humano para-si, ou seja, plenamente existente, integrado, que leva à frente uma reprodução social pautada pelo pleno desenvolvimento de todos, só pode ser possível através dos atos conscientes desses indivíduos, eliminando todas barreiras que se levantaram ao longo do processo histórico de constituição da humanidade.

produção (escravista, feudal), até a consolidação do capitalismo como um sistema completamente formado, verifica-se a presença de grandes revoluções nas formas de organizar a vida social. Na busca pelo fenecimento das relações atuais de exploração humana, não pode ser diferente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PIBIC/URCA, pelo apoio financeiro através da bolsa de estudos, e ao CONEDU, pelo aprendizado e pela oportunidade de divulgação das nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mariana Alves. Lukács: trabalho, modos de produção e ontologia. **Revista de Ciências do Estado**, [S. I.], v. 6, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revicede/article/view/e25171>. Acesso em: 30 ago. 2021.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. Maceió, Coletivo Veredas, 2016.

LIMA, Marteana Ferreira; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**. 27, n. 02, p. 73-94, ago. 2011.

LIMA, Marteana Ferreira. **Lukács: Trajetória e concepção de alienação**. Maceió, Coletivo Veredas, 2020.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social I**. (Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider). São Paulo, Boitempo, 2012.

_____. **Para a ontologia do ser social**. Tomo I. Vol. 13. Tradução: Sérgio Lessa. Maceió, Coletivo Veredas, 2018a.

_____. **Para a ontologia do ser social**. Tomo II. Vol. 14. Tradução: Sérgio Lessa. Maceió, Coletivo Veredas, 2018b.



MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. (Tradução: Maria Izabel Lagoa. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2015.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. 2. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

_____. Educação e idealismo. “Eu amo a minha tarefa como educador/a!!!”. **Plurais – Revista multidisciplinar**. Salvador, v. 4, n. 3, p. 54-71, set./dez. 2019.